

Recebido em 05/05/2023 e aprovado em: 25/08/2023

PELO CAMINHO DA NATUREZA: UMA LEITURA DA ANIMAÇÃO “MEMÓRIAS DE ONTEM” DE ISAO TAKAHATA

Claudia Midori Ideguchi¹

Resumo: Combinando duas áreas de estudo - filmes de Isao Takahata e pensamento filosófico japonês - o presente artigo propõe a intersecção dos temas utilizando o longa-metragem de animação *Memórias de Ontem*, lançado em 1991, como objeto de pesquisa. A análise fílmica se dará com o uso adaptado da figura de linguagem sinédoque, que trata basicamente de trazer o significado geral utilizando parte dele; ou seja, para investigar o todo da animação, empregaremos a referência da colheita de flores de açafraão vista na história como fio condutor para o estudo da narrativa. Desta forma, faremos a relação das modificações internas pelas quais a protagonista passa no decorrer da história com o ciclo da natureza que a cerca. As considerações que esse estudo traz envolvem, principalmente, a ideia da união indissociável do indivíduo e da natureza, fazendo com que toda a evolução pessoal seja um ato coletivo. No estudo foram valorizadas pesquisas recentes de acadêmicos brasileiros acerca da animação japonesa, além de pensadores do Japão e outros países para embasar as questões teóricas filosóficas, com destaque para o acadêmico Watsuji Tetsuro.

Palavras-chave: Isao Takahata. Pensamento japonês. Animação japonesa

THROUGH THE PATH OF NATURE: A READING OF THE ANIMATION "ONLY YESTERDAY" BY ISAO TAKAHATA

Abstract: Combining two areas of study - Isao Takahata films and Japanese philosophical thought - this article proposes the intersection of themes using the animated feature film *Only Yesterday*, released in 1991, as a research object. The film analysis will take place with the adapted use of the synecdoche figure of speech, which basically deals with bringing the general meaning using part of it; to investigate the animation as a whole, we'll use the reference to the saffron flower harvest seen in the story as a guiding thread for the narrative study. We'll relate the internal changes that the protagonist goes through in the course of the story with the cycle of nature that surrounds her. The considerations that this study brings involve, mainly, the idea of the inseparable union of the individual and nature, making all personal evolution a collective act. In the study, recent research by Brazilian academics on Japanese animation was valued, as well as thinkers from Japan and other countries to support the theoretical philosophical issues, with emphasis on academic Watsuji Tetsuro.

Keywords: Isao Takahata. Japanese philosophy. Japanese animation

POR EL CAMINO DE LA NATURALEZA: UNA LECTURA DE LA ANIMACIÓN "RECUERDOS DEL AYER" POR ISAO TAKAHATA

Resumen: Combinando dos áreas de estudio, las películas de Isao Takahata y el pensamiento filosófico japonés, este artículo propone la intersección de temas utilizando el largometraje de animación *Recuerdos del ayer*, estrenado en 1991, como objeto de investigación. El análisis fílmico se realizará con el uso adaptado de la figura retórica sinécdoque, que básicamente trata de traer el sentido general utilizando parte de él; es decir, para investigar la animación en su conjunto, utilizaremos la referencia a la cosecha de flores de azafrán vista en el relato como hilo conductor para el estudio de la narrativa. De esta forma, relacionaremos los cambios internos que atraviesa la protagonista en el transcurso de la historia con el ciclo de la naturaleza que la rodea. Las consideraciones que trae este estudio involucran, principalmente, la idea de la unión inseparable del individuo y la naturaleza, haciendo de toda evolución personal un acto colectivo. En el estudio se valoraron investigaciones recientes de académicos brasileños sobre la animación japonesa, así como de pensadores de Japón y de otros países para sustentar las cuestiones filosóficas teóricas, con énfasis en el académico Watsuji Tetsuro.

Palabras clave: Isao Takahata. Pensamiento japonés. Animación japonesa

1. Introdução

O presente estudo visa traçar uma reflexão conectora entre filmes de animação e a filosofia japonesa, focando especificamente no pensamento *fūdo*, cunhado pelo acadêmico Watsuji Tetsuro² em 1935. Para ele, a noção do *fūdo* sugere que o espaço, o ambiente e os aspectos coletivos da existência humana estão todos conectados (MCCARTHY, 2014, p. 508). Para ilustrar de forma assertiva esta pesquisa, optamos por utilizar um longa-metragem como estudo de caso, optando por *Memórias de Ontem* (1991) de Isao Takahata (1935-2018). A obra foi escolhida por ser carregada de significados que podem enriquecer os debates acerca do audiovisual japonês e sua conexão com a filosofia nipônica; reforçamos que o enfoque deste artigo é um recorte não exclusivo das interpretações e discussões que o filme pode levantar como, a questão de gênero no Japão na década de 1980, a relação entre o campo e a cidade, entre outros, que poderão ser analisados em trabalhos futuros.

A análise fílmica se dará com a utilização da adaptação da figura de linguagem sinédoque, que trata basicamente de trazer o significado geral utilizando parte dele; ou seja, para investigar o todo da animação, empregaremos a referência da colheita de flores de açafreão vista na história como fio condutor para o estudo da narrativa. Desta forma, faremos a relação das modificações internas pelas quais a protagonista passa no decorrer da história com o ciclo da natureza que a cerca. É importante citar que o pensamento base utilizado para essa observação - *fūdo* - e conceitos correlatos estão intimamente ligados ao que chamamos de “pensamento nativo japonês”. Essa concepção está voltada para evolução do indivíduo através do seu contato com a natureza, fazendo com que a relação entre a personagem principal do filme e a colheita do açafreão sejam exemplos pontuais e práticos dessa filosofia.

No livro organizado por HEISIG, KASULIS e MARALDO (2011), *Japanese philosophy: a sourcebook*, há uma breve apresentação sobre o pensamento nativo visto como filosofia, que transcrevemos na sequência:

Fatores sociais também contribuíram para o surgimento dos Estudos Nativos como uma nova escola filosófica. Entre eles, o surgimento de uma classe urbanizada de plebeus com o lazer para se envolver em atividades culturais e o surgimento de tutores e escolas particulares para atender às suas necessidades educacionais. O antigo monopólio do tribunal sobre a experiência em *waka*³ foi desgastado com o crescente número de grupos de estudo, consistindo em grande parte de pessoas da cidade interessadas em aprender a arte de compor *waka*. No período Edo⁴, os Estudos Nativos competiam com academias privadas já estabelecidas que ensinavam a escrever poesia e prosa chinesas. (HEISIG; KASULIS; MARALDO, 2011, p. 458, tradução nossa).

Esse trecho explicita que os estudos nativos estão dentro do pensamento japonês há muitos séculos, sendo empregados, por exemplo, pela família imperial, que utilizava as crenças xintoístas para corroborar a manutenção do poder, reforçando uma forte narrativa de “linhagem divina”. O filósofo Watsuji discorre sobre esta questão específica dizendo, “essa consciência nacional foi fundada no renascimento do espírito dos mitos, que

[...] estava enraizado na adoração da deusa patrona de todos os deuses patronos adorados no santuário de Ise⁵" (WATSUJI, 2006, p. 184, tradução nossa), o que sugere que a percepção existencial da sociedade japonesa está intimamente atrelada às crenças oriundas do xintoísmo.

A relevância desse viés de pensamento é inestimável para a construção filosófica nipônica, porém, há uma falta pontual de trabalhos em português que tragam esse tipo de discussão em suas pesquisas. Uma das razões para a falta de estudos nessa linha foi apontada por Yoshiko Okuyama, que indica que detalhes específicos da reflexão filosófica nativa seriam perdidos na tradução e que somente pessoas muito familiarizadas com a história e a cultura japonesa conseguiriam notar nuances escondidas em atos e ações (OKUYAMA, 2015, p. 31). A acadêmica completa dizendo que apesar da popularidade de filmes, séries de *mangás* e videogames que apresentam personagens mitológicos e lendas antigas do Japão, o campo de mitologia japonesa é uma área negligenciada nos estudos fora do país - o que inclui, claro, o Brasil.

Tratando-se de um estudo analítico audiovisual, é imprescindível que haja presença de imagens que possam ilustrar as relações que faremos entre pensamento e criação ficcional. Para tanto, serão utilizados frames da animação contextualizando cada momento da análise, que será dividida, como citado anteriormente, em fases de acordo com a colheita do açafreão. Dessa forma, criaremos uma conexão entre o pensamento, algo subjetivo e imaterial, com a imagem, algo que podemos ver e catalogar.

2. Isao Takahata e Memórias de Ontem

O diretor Isao Takahata, nascido em Ise em 1935, formou-se em Literatura Francesa pela Universidade de Tóquio em 1959. O contato com a cultura francesa fez com que ele se interessasse por animações e ficasse fascinado com as inúmeras possibilidades que os desenhos ofereciam quando comparados à sua contrapartida real. Diferente da maioria dos diretores de

animê, Takahata não é desenhista ou ilustrador: começou como diretor-assistente no Estúdio Toei em 1968 e desde então seguiu criando seus filmes com o auxílio de ilustradores que conseguissem dar vida aos seus roteiros e suas visões.

Trabalhando na Toei, Takahata conheceu o diretor Hayao Miyazaki, que seria seu parceiro de trabalho até o fim de sua carreira; juntos, saíram do antigo estúdio e após alguns anos trabalhando para a Nippon Animation, fundaram o Studio Ghibli em 1985; lá, criavam suas animações alternadamente e nunca trabalhando juntos no mesmo filme. As divergências artísticas entre os dois eram notórias e, para não haver conflito, um sempre produzia o trabalho do outro, nunca se envolvendo em questões criativas.

Essas diferenças aparecem de forma clara nas obras dos dois autores: enquanto Miyazaki é famoso por suas histórias que envolvem fantasia e mágica, Takahata é conhecido por tratar de temas realistas e da vida cotidiana, quase sempre trazendo eventos ou marcos históricos importantes no Japão. Rafael Colombo Martinelli (2020), em sua dissertação sobre o filme *O Túmulo dos Vagalumes* (1988), referencia essa presença da rotina, da vida comum, em toda a obra cinematográfica de Takahata, dizendo “quantidade de atenção aos detalhes que ele tem na exibição de eventos mundanos diários, eventos mostrados em detalhes meticulosos e muitas vezes formam uma parte importante de sua obra” (MARTINELLI, 2020, p. 24).

A atenção ao anônimo, presente nas linhas de estudos cinematográficos citadas anteriormente, traz uma camada extra de identificação com seu público, que comumente foge da faixa etária infantil e atinge pessoas de todas as idades. Lilia Horta complementa:

Isao Takahata é um diretor conhecido por mudar constantemente de estilo no decorrer da sua carreira, principalmente quando estava atrelado ao Studio Ghibli. Sua estética, pois corresponde a um percurso não linear, flertando com diversos tipos de linguagem e referências, cria um estilo de forma sutil [...] Conforme relato, o diretor costuma explorar da sua equipe, aparentemente com vínculo mais fixo, novas formas do fazer, novas misturas, estilos e estética, a fim de transmitir novas sensações. (HORTA, 2020, p. 5).

Além de *O Túmulo dos Vagalumes*, filme que trata sobre a jornada de duas crianças durante o fim da Segunda Guerra Mundial no Japão, Takahata também é conhecido por *O Conto da Princesa Kaguya* (2013), que adapta para o cinema o folclórico *Conto do Cortador de Bambu*. Essa produção chama a atenção por sua estética única, sendo trabalhada toda em traços que remetem ao *sumi-ê*, e também por ter sido indicada ao Oscar de Melhor Animação em 2015. Takahata faleceu em abril de 2018, sendo *O Conto da Princesa Kaguya* seu último filme na direção.

A escolha como objeto do nosso estudo é a animação *Memórias de Ontem*, uma produção mais modesta e menos reconhecida pelo público internacional. Parte desse desconhecimento pode ser atribuído à sua distribuição tardia nos Estados Unidos, que só aconteceu em 2016 (25 anos após o lançamento do filme no Japão) e recentemente disponibilizado via *streaming* em todo mundo. Parte se deve à temática mais madura, focada especificamente para mulheres adultas, cujo nicho acaba sendo menor dentro dos inúmeros lançamentos animados todos os anos.

O filme fala sobre Taeko, uma jovem mulher de 27 anos que vive em Tóquio e ainda não se casou. Esse detalhe nunca deixa de ser mencionado por sua mãe e suas irmãs, que desejam que ela arranje logo um marido. A protagonista, no entanto, não sente a menor vontade de ter um companheiro, sentindo-se contemplada com seu bem-sucedido trabalho na metrópole japonesa. Sempre uma criança ativa e curiosa, Taeko nunca se interessou por bandas populares ou artistas, tendo mais inclinação para atividades artísticas e criativas, que comumente envolviam a natureza. Essas lembranças da criança que Taeko foi, permeiam todo o filme conforme ela avança em sua semana de férias; ela escolhe passar na fazenda dos parentes do marido de uma de suas irmãs, onde há uma grande plantação de açafrão. Enquanto ajuda nas atividades agrícolas e se ambienta à rotina completamente diferente da que tinha em Tóquio, Taeko vai pouco a pouco

re pensando suas escolhas de vida e trazendo lentamente a criança que ela precisou ocultar enquanto interpretava seu papel de adulta socialmente adequada.

Lançado em 1991, *Memórias de Ontem* foi o filme japonês mais visto no país naquele ano⁷, surpreendendo o próprio estúdio. Além da temática incomum para um filme de animação (a vida de uma mulher solteira na década de 1980) o longa-metragem também contava com inovações em seu estilo de desenho, trazendo linhas de expressão bem-marcadas, principalmente nas bochechas, o que demonstra um interesse do diretor em dar ainda mais realismo para a história.

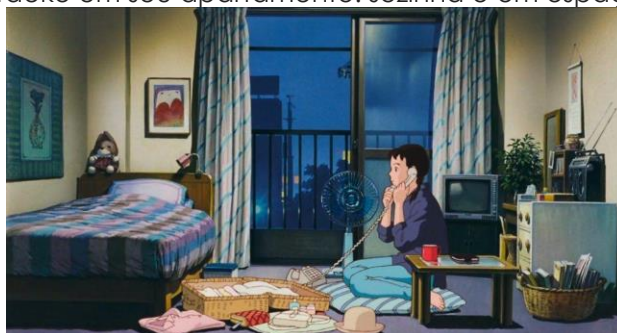
O filme conta com duas linhas narrativas que se alternam: Taeko adulta de férias em Yamagata e Taeko criança em diversas anedotas durante a infância. Para trazer a análise para o campo filosófico da natureza, trabalharemos apenas com os eventos que se passam em Yamagata, deixando o passado visto em memórias a ser desenvolvido em estudos futuros.

3. Colheita

Taeko começa o filme em seu apartamento em Tóquio, falando com a irmã ao telefone sobre suas férias em Yamagata. Já nesse primeiro contato, notamos que sua vida é ordeira e modesta: o ambiente serve como quarto, sala e local para refeições, com uma pequena varanda com vista para os prédios da metrópole (fig. 1). Nesse início, é possível notar o uso deliberado de tons mais frios, azulados, que lembram bastante metais e espelhos, típicos exemplos da modernização pela qual o Japão passou desde o início do Período Meiji (1868-1912). As construções típicas de madeira agora dão espaço a imensos prédios na cidade de Tóquio e marcar essa diferença é crucial para o entendimento do filme. Na figura 2, vemos Taeko no trem que a leva para a cidade de Yamagata; o uso das cores para demonstrar frieza e distanciamento é bem explicitada, assim como a solidão da personagem. É importante notar esses detalhes iniciais na arquitetura que envolve a

protagonista para que seja possível realizar o comparativo espacial ao avançar na narrativa.

Figura 1 - Taeko em seu apartamento: sozinha e em espaço reduzido



Fonte: *Memórias de Ontem*

Figura 2 - Taeko viajando para Yamagata: mais um exemplo de solidão e distanciamento



Fonte: *Memórias de Ontem*

Roger W. Hetch explana sobre a ambiguidade da personagem ao parecer satisfeita com a própria rotina e mesmo assim ter esse grande vazio: “Taeko aparenta ser uma mulher desesperada por vínculos significativos com os lugares e as tradições, mas vínculos construídos no tempo dela. Ela também é uma mulher assombrada por dúvidas existenciais” (HETCH, 2015, p. 5). Essas questões às quais o autor se refere já aparecem na maneira como a personagem traça um contraponto entre ela e as irmãs, que seguiram caminhos distintos e tradicionais. Para ele, a constante autocrítica faz com que Taeko viva em um mundo solitário, onde apesar de desejar trocas de afeto genuínas, não vê como alcançar essa aspiração sem precisar se moldar às expectativas colocadas nela.

Ao chegar em Yamagata, Taeko se vê empolgada para começar a trabalhar na fazenda e se encanta com a natureza em todo o caminho. O período é propício para a colheita da flor de açafreão que, após passar por algumas etapas, se torna um elegante e elaborado tingimento de tecido. As flores devem ser colhidas uma a uma, portanto é um trabalho moroso e longo. Taeko não se importa e passa seus primeiros dias acordando antes do Sol nascer e indo com as demais agricultoras trabalhar. Logo de início, ela percebe que se colher a flor de forma ríspida pode se machucar, então nesse primeiro contato entre ela e essa nova rotina, há um pensamento embrionário acerca do tempo de cada ser vivo.

Salientamos uma reflexão que Christine Greiner faz sobre essa relação: “me interessa destacar a aliança indissolúvel entre natureza e cultura que foi transmitida aos japoneses e norteou seus [...] treinamentos artísticos presentes até hoje na cultura japonesa” (GREINER, 2020, p. 24). Ou seja, há uma relação subjetiva e inconsciente entre a sociedade nipônica e o ambiente natural que a rodeia. Essa realização que Taeko começa a ter sobre o tempo e sobre si própria se dá justamente por permitir a conexão simbólica entre seu próprio íntimo e a genuinidade da natureza. O diretor Takahata, em entrevista para Gael Golhen, deixou clara essa relação simbiótica do povo japonês com a natureza em sua maneira de realizar o filme:

No Japão, a natureza é frequentemente representada. É a nossa carne, o nosso sangue. O diretor artístico do filme passou a vida desenhando folhas, árvores e plantas. Ao ponto de integrá-los. Às vezes, recorríamos às fotos, mas o mais importante era o que tinha dentro dele. (GOLHEN⁸, 2014, tradução nossa).

Essa fala do diretor corrobora uma primeira análise sobre como a fruição da natureza, o contato com ela, traz entendimentos e mudanças acerca do próprio ser humano. Mais que desejar que as ilustrações do filme tivessem uma natureza representada de forma fidedigna, Takahata estimulava que seu diretor artístico desenhasse de acordo com sua própria percepção do

ambiente. Ao assistir ao filme, não somente observamos a natureza em si, mas a íntima percepção e conexão que o ilustrador tem com ela.

Para complementar esses dois pensamentos, há ainda essa frase autoexplicativa de Watsuji: “Geografia e história, paisagem e cultura são inseparáveis. Mas isso é algo que só ilumina à luz da estrutura fundamental da vida humana” (WATSUJI, 2006, p. 31, tradução nossa). Ou seja, nessa relação subjetiva do ser humano com o espaço que o envolve, não apenas o indivíduo se beneficia, como também atribui significado e valor a tudo que está ao seu redor.

Figura 3 - Taeko em contato com as flores de açafrão, ainda reticente



Fonte: *Memórias de Ontem*

Figura 4 - Taeko e uma agricultora observando o nascer do Sol



Fonte: *Memórias de Ontem*

Nas figuras 3 e 4, observamos o primeiro contato da protagonista com a natureza e esse transbordar de honestidade que ela traz. Interessante notar que os tons frios, muito utilizados no início da narrativa para mostrar esse afastamento que vem da vida na cidade, é lentamente substituído por cores mais quentes, que se aproximam com o nascer do Sol. A partir desse

momento, a animação passa a trazer tons mais vivos e alegres que se refletem não apenas no cenário, mas também nas roupas e expressões da personagem.

4. Descanso

Uma etapa crucial no processo de cultivo do açafreão é a decantação: as plantas colhidas são lavadas e deixadas ao relento para secar (fig. 5). Novamente, o tempo mais vagarosa força Taeko a também desacelerar e olhar com atenção ao redor. De forma contínua, ela começa a criar laços com as pessoas daquela comunidade e, apesar de tímida, consegue apresentar uma versão mais autêntica de sua personalidade. Ao invés de ser contida por ser diferente, na fazenda a personagem é acolhida sem sentir necessidade de se justificar.

O ritmo ditado pela própria natureza também influencia na maneira como Taeko sente sua existência: as memórias da criança livre que um dia ela foi inundam sua mente cada vez mais, dando a ela a coragem de se aproximar do desconhecido e de se permitir desejar o que antes ela nunca achou que gostaria de ter. A facilidade com que as coisas trazem alegria a ela, assusta: não é suposto que a vida seja tão simples. Taeko se permite deitar e esperar, assim como as flores que ela colheu dias antes.

Figura 5 - Deixando as flores de açafreão descansar



Fonte: *Memórias de Ontem*

Nesta etapa do filme e da jornada de autoconhecimento de Taeko, vemos como há uma referência clara à amplitude que seu mundo começa a ter. A figura 1, que representa a personagem em sua rotina estreita e sufocante, muda para a figura 6, na qual temos Taeko diante de toda a plantação, sem estar sozinha nesse novo universo de possibilidades. Conforme Mari Sugai escreve, “nas artes visuais, o espaço é integrante obrigatório, não levando em conta somente a base (tela) onde é produzida, mas igualmente a representação pictórica que nela é criada” (SUGAI, 2018, p. 102); em outras palavras, o cenário que nos é apresentado na figura 6 não apenas representa a imagem por si só, mas também compõe uma miríade de significados subjetivos que conversam diretamente com a sensação de liberdade que Taeko passa a ter.

Figura 6 - Taeko observa o pôr do Sol na plantação



Fonte: *Memórias de Ontem*

O começo dessa transformação pessoal não acontece de forma natural: a protagonista carrega consigo uma série de imposições de como a vida deve supostamente ser e é difícil aceitar-se nesse entrelugar, nem totalmente na sua vida anterior, nem totalmente nessa nova realidade. Esse pensamento de como a vida supostamente deve ser e como Taeko se sente sufocada por ele é uma parte interessante da narrativa. Lilia Horta e Monica Nunes escrevem que “é raro, no universo das animações, a atribuição de um papel de liderança e independência à mulher, escapando ao estereótipo da

vulgarização ou da maternidade" (HORTA; NUNES, 2018, p. 67); Takahata consegue trazer de forma sutil em seu filme questões que permeiam o universo feminino da época, com uma protagonista que entra em conflito justamente por não se encaixar nas expectativas dos demais personagens. Assim como visto na figura 5, Taeko coloca as flores para descansar e o processo leva seu tempo; relacionamos esse momento também ao próprio ritmo da personagem, que precisa decantar seus sentimentos, separar o que ela deseja do que os demais desejam para ela.

Watsuji faz uma reflexão sobre como o espírito das pessoas está intimamente ligado à natureza. Neste momento do filme, Taeko está carregando uma série de conflitos e pesos que foram construídos dentro do ambiente no qual ela estava vivendo até então. O acadêmico chama isso de "estrutura histórico-paisagística da vida humana" e completa:

Tal é o lugar onde o ambiente se revela e se percebe que o ser humano não é apenas o portador do passado em geral, mas que carrega em seu corpo um passado determinado pelo clima e pela paisagem. A estrutura geral e formal da historicidade está repleta de um conteúdo substancial e particular. Só assim é possível que a existência histórica do ser humano se realize concretamente na forma de uma nação ou de uma época. (WATSUJI, 2006, p.35, tradução nossa).

Ou seja, Taeko se encontra em um momento reflexivo no qual precisa se desprender de seus antigos ambientes, ao passo que também precisa aprender a lidar com sua nova versão pessoal dentro de um novo espaço. São partes de si mesma que estão em processo de destruição e construção, de forma simultânea.

5. Transformação

As pétalas de flores se transformam em pequenas formas assimétricas de intenso vermelho; estão prontas as tintas de pigmento, valiosíssimas por estarem em apenas 1% de toda a flor amarela. Assim como os pigmentos estão prontos, também é chegada a hora de Taeko partir; sua semana de

férias vai acabar e ela precisa voltar para o escritório e sua casa, locais onde ela sempre achou que era feliz.

No entanto, assim como a flor de açafrão, Taeko passou por uma transformação intensa, onde aquele 1% que ela sempre escondeu em si foi valorizado e ela pode desabrochar. Na fazenda em Yamagata, ela se permitiu encontrar com seus anseios infantis mais sinceros e com o amor para o qual nunca ligou. Voltar, porém, é o que se espera dela e Taeko sempre fez o que acreditava ser o mais coerente dentro da sociedade. Na figura 7, observamos o processo final da produção de pigmentos de açafrão, com Taeko claramente inserida não somente na atividade laboral, como também em toda a estrutura familiar e coletiva do local.

Figura 7 - Última etapa do processo de fabricação do pigmento; Taeko sorri feliz



Fonte: *Memórias de Ontem*

Figura 8 - No caminho para a estação, Taeko sente um desconforto ao deixar a fazenda para trás



Fonte: *Memórias de Ontem*

As duas figuras acima (7 e 8) mostram os contrastes entre as expressões de Taeko: quando estava entre seus novos amigos e depois, voltando para casa. Durante a viagem, a sombra da solidão e vazio não construtivos que habitavam seus dias começa a aparecer em sua feição. Onde foi parar a Taeko corajosa que um dia ela foi quando criança? Estimulada pelas memórias de quando ainda pensava em ter um futuro livre, a personagem resolve voltar para a fazenda e recomeçar onde seu coração finalmente se sente em paz e feliz. É importante ressaltar que Takahata escolhe que esse final feliz da personagem (figura 9) seja totalmente em campo aberto, fazendo a referência da liberdade encontrada em contato com a natureza.

Essa catarse final que Takahata provoca nos espectadores é bem discutida por Horta, que diz:

Mediante a um circuito exaustivo de produção cultural, a estética transgressora, o afeto do diretor Isao Takahata, faz com que o consumo de películas animadas extrapole a tela e alcance os cinco sentidos do público, tocando não só seu corpo como a memória ou até, como diz o diretor, o coração. (HORTA, 2020, p.13).

Luiza Pires Bastos complementa esse pensamento de forma interessante, dizendo que “os filmes do Studio Ghibli são muito ricos nos aspectos simbólicos, explorando a cultura e as crenças nipônicas de forma sutil, porém, sem que passe despercebido pelo espectador” (BASTOS, 2020, p. 101); logo, toda essa construção simbólica desenvolvida entre Taeko e o local também é uma ponte entre Taeko e nós. Essa identificação empática tem seu suporte na atenção aos detalhes com a qual o diretor constrói o filme: ele nos aproxima pela similaridade das ações e pela universalidade das preocupações.

Figura 9 - Final feliz: Taeko descobre seu lugar no mundo e faz as pazes com seu eu do passado



Fonte: Memórias de Ontem

Baseado na análise realizada, observamos como o pensamento filosófico *fudō* permeia toda a obra. O pesquisador Harumi Befu escreveu extensivamente sobre o conceito e refletiu que *fudō* seria uma resposta de Watsuji, em uma perspectiva japonesa, ao pensamento ocidental acerca da relação entre o homem e a natureza; a existência humana não poderia ser lida somente em relação ao tempo, mas também ao espaço (BEFU, 1997, p. 109). Essa conexão do pensamento existencialista atrelado ao espaço-tempo é o que confere características únicas ao modo de expressão artística japonesa, em específico às animações de cunho mais intimista, como nosso objeto de estudo.

No longa-metragem, Taeko faz profundas reflexões acerca de seu passado e suas expectativas para o futuro conforme ajuda na colheita de flores de açafraão. O processo, cansativo e moroso, é cheio de etapas minuciosas que exigem esforço e atenção. A personagem, envolta em dúvidas, se conecta profundamente à natureza presente e se adequa ao ritmo imposto pelo local. O ambiente no qual ela está inserida trabalha como um agente pontual e direto de transformação e, durante a narrativa, é possível compreender que o processo de entendimento pessoal jamais seria

alcançado caso Taeko não tivesse mudado drasticamente sua ambientação, da cidade para o campo.

Conforme Hecht observa, a protagonista decide passar suas férias não somente no campo - em detrimento de um hotel de luxo, por exemplo - mas em um *satoyama*, que se traduz livremente como “vilarejo da montanha”. Esse tipo de local não representa somente a agricultura, mas também um modelo de cultivo sustentável que retrata culturalmente essa coexistência harmoniosa entre o povo japonês e a natureza (HETCH, 2015, p. 4). Um dos pensamentos de Watsuji, que faz coro dentro dessa perspectiva de coexistência, é a ideia da pluralidade, que ele se refere como uma experiência cultural comum que vem da socialização em um ambiente compartilhado (BEFU, 1997, p.111). A pesquisadora Greiner complementa dizendo que “há uma tendência na lógica cognitiva japonesa em borrar a identidade de si mesmo e, simultaneamente, criar uma identificação com o [...] ambiente social e natural entendidos de maneira inseparável” (GREINER, 2020, p. 49). Isto é, há na formatação social japonesa uma intencionalidade dentro da ideia do plural e a conexão com a natureza traz esse pensamento mais global de existência.

No filme, há um processo narrativo indissociável entre a colheita, as memórias e as preocupações de Taeko, que busca desde a infância uma maneira de se conectar ao mundo que a rodeia. No entanto, vivendo desde o nascimento em uma metrópole - Tóquio - a personagem se viu sem qualquer possibilidade de um encontro mais aprofundado com a natureza e com seu verdadeiro eu. A partir do momento no qual ela se vê cercada por um ambiente que não só a acolhe como ela é, mas que também celebra suas diferenças, Taeko vai pouco a pouco compreendendo sua própria existência, valor e perspectivas.

6. Considerações finais

Durante a pesquisa, foram observados diversos aspectos no filme nos quais foi possível relacionar a natureza e o desenvolvimento narrativo da protagonista. O envolvimento de Taeko com as atividades do campo e a profunda conexão que ela passa a ter com seus anseios e sua essência, operam uma verdadeira transformação e mudança em seu propósito de vida.

Ao longo do texto, identificamos uma série de referências acerca dessa ligação com o mundo exterior, cujas bases se fincam fortemente nos pensamentos nativos. Percebemos como neste tipo de pensamento há uma importância vital na conexão do indivíduo com o espaço que o cerca, sendo a evolução individual, na realidade, uma somatória de forças entre a pessoa e a natureza.

Conforme citado na introdução, existem poucos trabalhos que façam referência à relação entre produtos culturais e a filosofia nativa, o que é surpreendente devido a grande quantidade de produtos artísticos que utilizam elementos dessa linha de pensamento. Nosso estudo traz uma análise introdutória ao tema, pretendendo ampliar e estimular outras pesquisas que possam ser ainda mais aprofundadas.

Como o filme analisado utiliza duas linhas narrativas e empregamos apenas uma delas, há espaço para a continuidade de estudos acerca do pensamento filosófico japonês ainda dentro dessa animação, o que geraria um cruzamento de dados e informações interessante para enriquecer esse nicho de pesquisa no país.

Okuyama reflete que o benefício educacional que tiramos dos estudos do pensamento nativo é uma forma de aprender profundos aspectos culturais que ultrapassam a mera observação (OKUYAMA, 2015, p. 32). É neste ponto que o presente estudo tem seu foco: utilizar referências culturais acessíveis para apresentar e fundamentar perspectivas e panoramas acerca da cultura japonesa de forma mais simples e objetiva.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Lucia Pires. **Os registros perceptivos no âmbito narrativo e estético no cinema de animação do STUDIO GHIBLI na Obra de Hayao Miyazaki e Isao Takahata**. 2020.

BEFU, Harumi. Watsuji Tetsurō's Ecological Approach: Its Philosophical Foundation. In: ASQUITH, Pamela J.; KALLAND, Arne (Orgs.). **Japanese Images of Nature: Cultural Perspectives**. London: Curzon, 1997. p. 106-120.

GOLHEN, Gael. **Isao Takahata**: "Je m'accroche plus au réel que Miyazaki". Premier Max, 2014. Disponível em: <https://www.premiere.fr/Cinema/News-Cinema/Isao-Takahata-Je-maccroche-plus-au-reel-que-Miyazaki> Acesso em: 12 abr. 2023.

GREINER, Christine. **Leituras do corpo no Japão**: e suas diásporas cognitivas. São Paulo: n-1 edições, 2020.

HEISIG, James W.; KASULIS, Thomas P.; MARALDO, John C. (Orgs.). **Japanese philosophy**: a sourcebook. Honolulu: University of Hawaii Press, 2011.

HECHT, Roger W. Only Yesterday: Ecological and Psychological Recovery. **Resilience: A Journal of the Environmental Humanities**, v. 2, n.3, p. 166-171, 2015.

HORTA, Lilia. A estética do afeto de Isao Takahata em O conto da princesa Kaguya. **Actas de Periodismo y Comunicación**, v. 6, n. 2, 2020.

HORTA, Lilia; NUNES, Mônica Rebecca F. A estética híbrida do cinema de animação de Hayao Miyazaki. In: CARVALHO, Eric de (Org.). **Comunicação e cultura geek**. São Paulo: Cásper Líbero, 2018.

MARTINELLI, Rafael Colombo. **Túmulo dos Vagalumes (Hotaru no Haka, 1988), de Isao Takahata**: objetos de memória que se atualizam—esquecimentos que lampejam. 2020.

MCCARTHY, Erin. **Watsuji Tetsurō**: The mutuality of climate and culture and an ethics of betweenness. In: DAVIS, Bret W. (Org.). **The Oxford Handbook of Japanese Philosophy**. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 503-522.

MEMÓRIAS de Ontem. Direção: Isao Takahata. Japão: Studio Ghibli, 1991. Netflix. (118 minutos), color. Título original: Omohide Poro Poro.

OKUYAMA, Yoshiko. **Japanese Mythology in film: a semiotic approach to reading Japanese film and anime.** Pennsylvania: Lexington Books, 2015.

SUGAI, Mari. A Contribuição narrativa dos elementos visuais na formação de espaços fílmicos em seguindo em frente (Arutemo Arutemo). **Revista Estudos Japoneses**, n. 40, p. 101-115, 2018.

WATSUJI, Tetsurō. **Antropología del paisaje: climas, culturas y religiones.** Salamanca: Sígueme, 2006.

NOTAS

¹ Mestra em Língua, Literatura e Cultura Japonesa - USP e-mail: cacau.ideguchi@gmail.com.

² Nota sobre a transliteração: Os termos japoneses aparecem romanizados de acordo com o sistema Hepburn e com seu equivalente em língua japonesa ao lado, quando relevante. Os nomes próprios estão dispostos em Nome seguido de Sobrenome, diferente da norma comum no Japão; a decisão foi tomada pensando em uma compreensão mais ampla e de fácil identificação pelo público brasileiro, alvo desta pesquisa.

³ Poema clássico japonês com 31 sílabas, arranjadas em cinco linhas de 5/7/5/7/7 sílabas, respectivamente

⁴ O Período Edo vai do ano 1603 a 1868, intervalo no qual o Japão foi governado pelos xoguns da família Tokugawa. Marcada por forte isolamento político e econômico, a época sofreu forte controle interno e chegou ao fim com a recuperação do poder da família imperial, dando início ao Período Meiji.

⁵ Santuário localizado na cidade de Ise, na província de Mie, dedicado à deusa Amateratsu, de quem supostamente descende a linhagem da família imperial japonesa.

⁶ Pintura monocromática, normalmente preta em papel branco feito à mão.

⁷ Segundo o site Eiren, disponível em: <https://web.archive.org/web/20110726023541/http://www.eiren.org/toukei/1991.html> acesso 04 mai. 2023

⁸ Disponível em: <https://www.premiere.fr/Cinema/News-Cinema/Isao-Takahata-Je-maccroche-plus-au-reel-que-Miyazaki> Acesso em 19 set. 2022